

**PERCEPÇÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO E OS QUATRO
ELEMENTOS ASTROLÓGICOS: UMA REFLEXÃO SOBRE AS
INTERFACES ENTRE FENOMENOLOGIA NA GEOGRAFIA
HUMANISTA E ASTROLOGIA**

**GEOGRAPHICAL PERCEPTION OF THE SPACE AND THE
FOUR ASTROLOGICAL ELEMENTS: THINKING ABOUT AN
INTERFACE BETWEEN PHENOMENOLOGY IN HUMANIS-
TIC GEOGRAPHY AND ASTROLOGY**

Bárbara Helenni Gebara Santin

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Instituto de Geografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia
barbarahelenni@gmail.com

Recebido 22 de junho de 2016, aceito 27 de julho de 2016

RESUMO - O artigo proposto tem como objetivo resgatar um olhar humano e simbólico para as relações do ser humano com o meio ambiente, onde os valores e significados são criados através das experiências ocorridas no espaço e relacionar estas experiências com as quatro formas básicas de percebê-lo: de forma sensorial, sentimental, mental e espiritual, nas quais a Astrologia se baseia para criar os símbolos dos quatro elementos: Terra, Água, Ar e Fogo respectivamente. Como metodologia para a elaboração do artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de cunho teórico, sobre estudos fenomenológicos na geografia humanista e cultural, onde são exploradas as relações entre ser humano e meio ambiente e a influência dos elementos astrológicos nos padrões de percepção do ser humano em relação ao espaço.

Palavras-chave: Percepção Geográfica, Elementos Astrológicos, Fenomenologia, Geografia Humanista.

AABSTRACT - The suggested article has the goal of rescuing a human and symbolic view for the relations between the human being and the environment, where the values and meanings are created throughout experiences occurred on space and to connect these experiences with the four basic forms of perceiving: sensory, emotional, mental and spiritual form, on which the Astrology is based to create the four elements symbols: Earth, Water, Air and Fire respectively. The methodology for the article developing was based on a bibliographic research, of theoretical nature, about phenomenological studies in humanistic and cultural geography, where the relations between human and environment and the influence of the astrological elements on the human perceiving patterns of space are explored.

Keywords: Geographical Perception, Astrological Elements, Phenomenology, Humanistic Geography.

INTRODUÇÃO

O trabalho proposto tem como objetivo resgatar um olhar humano e simbólico para as relações do ser humano com o meio ambiente, onde os valores e significados são criados através das experiências ocorridas no espaço e relacionar estas experiências com as quatro formas básicas de percebê-lo: de forma sensorial, sentimental, mental e espiritual (Tuan, 1983), nas quais a Astrologia se baseia para criar os símbolos dos quatro elementos: Terra, Água, Ar e Fogo respectivamente (Arroyo, 1975; Hamaker-Zondag, 1989).

Como metodologia para a elaboração do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de cunho teórico, sobre estudos fenomenológicos na geografia humanista e cultural, onde são exploradas as relações entre ser humano e meio ambiente e a influência dos elementos astrológicos nos padrões de percepção do ser humano em relação ao espaço. Como base principal para o referencial

teórico, Tuan (1983), Dardel (2011), Arroyo (1975) e Hamaker-Zondag (1989) apresentam os principais meios de se realizar essa interface entre percepções geográficas e elementos astrológicos.

É realizada uma reflexão sobre a relação homem x espaço. A criação de significado e valor para o espaço depende das percepções e experiências humanas. As experiências são formas de aprendizado e são calcadas nos diferentes padrões de percepção do espaço, os quais podem ser *passivos*, quando o indivíduo recebe informação do espaço e ainda não a intelectualizou – sensação e intuição – ou *ativos*, quando o indivíduo reflete sobre as informações que ele recebe do espaço – surgindo em forma de sentimento e/ou pensamento – (Hamaker-Zondag, 1989; Tuan, 1983).

Na astrologia, os elementos são símbolos dos quatro tipos básicos de percepção, sendo que o elemento Terra representa a sensação, Água o sentimento, Ar o pensamento e Fogo a intuição. Estas quatro formas de perceber o espaço, tanto na astrologia como na geografia, provêm respectivamente das dimensões corpórea, emocional, mental e espiritual, que são os veículos para se chegar às percepções. O caráter passivo e ativo das percepções também é encontrado nos elementos, sendo Terra e Fogo elementos passivos e Ar e Água elementos ativos.

Pensando a dimensão da cultura, incluindo suas determinantes geográficas, históricas, políticas, biológicas e psicológicas, ela é criada a partir desta relação passiva x ativa. Isto é, a cultura é criada pelo ser humano – passiva –, depois disso ela mesma impõe-se para o ser humano – ativa – (Cosgrove, 2012a; Duncan, 2003).

Este trabalho justifica-se pela necessidade de uma busca da conexão ou reconexão do ser humano com seu espaço de habitação, de trabalho, de lazer e de relação: a Terra. Esta busca procura ir ao encontro de um olhar humanizado

dos estudos geográficos sobre a relação entre o ser humano e o meio ambiente, através do qual as percepções do espaço são uma maneira imprescindível de pensar a cultura; juntamente com a abordagem astrológica dos quatro elementos cuja visão é humanista e relativa à relação do homem com o meio, já que, neste trabalho, os quatro elementos são interpretados como veículos da relação do homem com o meio ou com a Terra de um modo geral.

Além desta introdução, o artigo está organizado em seis tópicos e considerações finais. Os tópicos presentes no artigo são os seguintes: Geografia humanista, o qual descreve de modo geral o olhar humanizado do indivíduo sobre o qual esta área estuda; Os elementos astrológicos: uma breve introdução, onde são descritos, através do olhar da astrologia, os quatro elementos Terra, Água, Ar e Fogo; Percepção e experiência e a relação com os quatro elementos terrestres e astrológicos, onde é apresentada a relação das percepções humanas com os quatro elementos; O ser humano e sua relação com a Terra, no qual se fala sobre a relação que os indivíduos possuem com a Terra e o papel das percepções nessa relação; A subjetividade como fator intrínseco à objetividade e suas influências terrestres e humanas, no qual é apresentada a importância da subjetividade humana na relação do homem com o espaço; e por último Os quatro elementos e os espaços de Dardel, onde é sugerida uma interface entre os quatro elementos na visão da astrologia e na visão do geógrafo Eric Dardel, já que a conceituação astrológica dos quatro elementos terra, fogo, água e ar possui semelhanças com os espaços material, telúrico, aquático e aéreo abordados por Dardel respectivamente.

GEOGRAFIA HUMANISTA

A geografia humanista surge com um dos intuitos de reaproximar o ser humano e o meio ambiente em que ele vive: o planeta Terra. Por meio da introdução

de pensamentos filosóficos, de estudos fenomenológicos, existenciais e comportamentais na geografia, é construída a estrutura básica da geografia humanista. Esta linha da geografia tem seu foco de estudo nas experiências e percepções geográficas do homem e nos diversos modos com que ele se relaciona com o ambiente circundante (Buttimer, 1974; Holzer, 2012; Relph, 1970).

Dentre vários autores adeptos deste nicho, Eric Dardel e Yi-Fu Tuan são os principais guias escolhidos para o desenvolvimento do presente trabalho. Estes dois autores abordam a geografia através de um olhar humano e sensível, onde a experiência da relação homem x Terra é imprescindível para um entendimento das percepções humanas perante o mundo.

A geografia humanista se torna, assim, uma área holística de estudos geográficos, já que procura incluir as diferentes facetas de cultura e natureza de acordo com a visão do homem e sua consciência, e as influências que o ser humano e a Terra sofrem de ambas as partes (Dardel, 2011; Tuan, 1983). Ela, a geografia humanista, abarca a objetividade e a subjetividade, esta última sendo uma parte imprescindível para a organização do mundo humano (Lowenthal, 1961). De acordo com Buttimer,

“[...] o humanismo valoriza o desafio de discernir o potencial criativo dos indivíduos e grupos, em lidar com a superfície da Terra de maneiras responsáveis e corresponsáveis. A criatividade humana também não é confinada pela esfera intelectual: ela envolve emoção, estética, memória, fé e determinação. [...] Ela [a geografia humanista] pode inspirar os praticantes da geografia física, econômica, cultural ou social [...]” (Buttimer, 1990: p. 28).

O olhar humanizado da geografia humanista faz com que este campo chame atenção para a valorização e preservação ambiental. Ela se realiza como um

complemento teórico, motivado pelas percepções e subjetividades humanas, fundamental para a conscientização do homem perante a natureza, já que o homem se sente mais próximo da natureza quando encontra significado nela. Significados estes que dependem da percepção e interpretação humana.

As percepções são analisadas através das experiências pela fenomenologia – uma das estruturas filosóficas da geografia humanista. As experiências espaciais humanas não são somente objetivas, mas também subjetivas e geralmente o são, sendo elas intencionais ou não, sendo o objetivo recapturar a estrutura essencial da percepção (Relph, 1970). Em relação ao estudo das percepções, Tuan (1983) dizia que espaço e lugar devem ser analisados também através de pensamentos e sentimentos surgidos na experiência.

Existem outras áreas que estudam ou pensam a importância das percepções e experiências humanas, são elas a filosofia, a psicologia, a antropologia, a sociologia etc. – estas fazem parte da construção teórica da geografia humanista (Holzer, 2012). E há também uma área de conhecimento considerado simbólico que estuda profundamente as percepções e experiências humanas: a astrologia. Juntamente com a psicologia, a astrologia é utilizada para estudos das influências dos astros e elementos na personalidade e comportamento do ser humano e no planeta Terra (Arroyo, 1975; Hamaker-Zondag, 1989; Rudhyar, 1989). O foco astrológico do presente trabalho serão os elementos astrológicos.

OS ELEMENTOS ASTROLÓGICOS: UMA BREVE INTRODUÇÃO

A área da astrologia que descreve as percepções de acordo com as experiências humanas é a base de estudos e interpretações da mesma: os elementos astrológicos, que são quatro: terra, água, ar e fogo. Assim como são a base da astrologia, são também a base dos elementos físicos terrestres e, conseqüentemente, da vida

no planeta Terra (Arroyo, 1975; Rudhyar, 1989). Estes elementos vão além da química material na astrologia, agindo como descrições de percepção e comportamento do ser humano e como símbolos de tais eventos (Arroyo, 1975).

Muitas culturas em todo o mundo utilizam os quatro elementos em tradições religiosas, filosóficas e mitológicas, mas, além disso, eles foram considerados a base da realidade (Arroyo, 1975; Tuan, 1983). Segundo Arroyo (1975), Hamaker-Zondag (1989) e Martins (1995), os quatro elementos constroem as estruturas da vida e seus processos. Em relação a isso, Arroyo diz que

“Os elementos fogo e ar também têm sido relacionados com atividade e leveza, uma vez que o ar e o fogo tendem a espalhar-se e a subir, estendendo-se para um perímetro no espaço. A terra e a água têm sido relacionadas com gravidade e inércia, desde que tendem a estar sob a influência da gravidade e, conseqüentemente, a se concentrar e acumular num nível mais inferior” (Arroyo, 1975: p. 107).

Então as características dos elementos em seu estado simbólico estão arraigadas a seus conceitos concretos, físicos. Assim como diz Cosgrove (2012a), os elementos, sendo eles naturais, são símbolos que falam por si mesmos, mesmo dependendo da percepção e experiência do homem para se tornarem símbolos repletos de significados.

PERCEPÇÃO E EXPERIÊNCIA E A RELAÇÃO COM OS QUATRO ELEMENTOS TERRESTRES E ASTROLÓGICOS

Na geografia – assim como na psicologia, na antropologia e na filosofia – o estudo das experiências e percepções humanas ganha vida através da fenomenologia,

sendo seu objetivo tentar entender as diferentes maneiras de o ser humano experimentar espaços e lugares (Tuan, 1983).

É por meio da experiência que uma pessoa passa a ter conhecimento e construir a realidade geográfica (Tuan, 1983). Como vivemos em um mundo de dualidades (complementares), assim também o é a experiência, podendo ser ela passiva ou ativa. Conforme Tuan explicita em seu livro *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência*, a experiência é passiva quando sofremos influências externas, quando passamos por algo inevitável, que foge a nosso controle; e ativa quando nos propomos a experimentar, quando raciocinamos sobre certos eventos, quando, por exemplo, realizamos uma viagem para, propositalmente, passar por determinadas experiências. De qualquer maneira, as experiências estão sempre ligadas ao ambiente externo. Sentimos e pensamos com frequência sobre algo externo a nós (Dardel, 2011).

Todo ato de experimentar inclui e depende do ato de perceber. Assim como existem experiências passivas e ativas, também há tal diferença entre as percepções. Percepções passivas são aquelas que atingem o indivíduo, vindas do mundo exterior, da mesma maneira que as experiências, as percepções passivas são aquelas sobre as quais o homem não possui controle: sensação e intuição (Arroyo, 1975; Hamaker-Zondag, 1989). Quando uma brisa atinge a pele e o corpo sente é um exemplo de sensação (recebida do ambiente externo pelo homem); quando de repente se adquire conhecimento sobre algo sem que haja interferência de raciocínio é intuição (que surge do ambiente externo) (Jung, 2008). Percepções ativas são manifestações criadas pelo indivíduo a partir das percepções passivas (sensação ou intuição), onde ele interage com o ambiente externo, respondendo a suas influências – e o influenciando – através de sentimento e pensamento (Arroyo, 1975; Hamaker-Zondag, 1989; Tuan, 1983). O sentimento é criado pelo homem através dos órgãos sensoriais – que, segundo

Tuan (1983) são eles: visão, tato (de modo mais refinado, audição, olfato e paladar) e cinestesia – e julgamento; o pensamento é criado através do julgamento instantâneo de uma sensação ou intuição e também do questionamento natural do ser humano perante os acontecimentos da vida.

Então a “oposição” passivo x ativo ocorre como uma troca entre indivíduo e meio ambiente, surgindo daí a relação entre o homem e a Terra. A cultura surge através desta relação e desta interação externa e interna. De mesma forma, em relação à criação da cultura – sem mencionar as participações histórica, política, biológica, psicológica –, ela é criada a partir da troca passiva x ativa, isto é, a cultura é criada pelo homem – passiva –, depois disso ela mesma impõe-se para o ser humano – ativa (Cosgrove, 2012a; Duncan, 2003). É a partir das percepções passivas que o ser humano é influenciado pelo meio ambiente e a partir das percepções ativas que ele o influencia, criando significados e símbolos.

Os quatro elementos astrológicos – e terrestres – são símbolos que representam essas percepções geográficas. Eles são ao mesmo tempo símbolos e “forças vitais que compõem toda a criação e que pode ser percebida pelos sentidos físicos [...] [e] abrangem tudo o que normalmente percebemos e experimentamos” (Arroyo, 1975: p. 100-101).

Hamaker-Zondag dá exemplos das quatro percepções relacionadas aos elementos astrológicos de forma clara:

“Sensação: perceber um objeto como tal e ver como se apresenta, por exemplo - duro, áspero, quente, etc. Isto corresponde ao elemento terra.

Pensamento: perguntar o que é realmente o objeto percebido e como ele pode ser incorporado ao esquema de referência existente. Isto corresponde ao elemento ar.

Sentimento: experimentar o que o objeto percebido desperta em forma de

desejo ou aversão e, conseqüentemente, aceitá-lo ou não. Por exemplo, “o que estou vendo é agradável, é satisfatório ou não?” Isto corresponde ao elemento água.

Intuição: saber ou deduzir inconscientemente de onde vem o objeto percebido ou como ele evoluirá mais adiante. Com frequência o objeto não é percebido conscientemente, ocorrendo uma espécie de “captação” do fundo. Esta função corresponde ao elemento fogo” (Hamaker-Zondag, 1989: p. 16).

Então a interface entre percepção geográfica e astrologia se dá da seguinte forma: Quando o indivíduo experimenta um espaço ou lugar de forma física, através do corpo e seus sentidos – visão, audição, tato, olfato e paladar –, ele o está percebendo de acordo com o elemento terra; Quando o indivíduo experimenta um espaço ou lugar de forma sentimental ou emocional, através dos sentimentos que se estabelece em certos lugares, ele o está percebendo de acordo com o elemento água, visto que o elemento água é um símbolo material da percepção sentimental, na astrologia; Quando o indivíduo experimenta um espaço ou lugar de forma mental, através do julgamento ou interpretação que se tem do ambiente, ele o está percebendo de acordo com o elemento ar; E quando o indivíduo experimenta um espaço ou lugar de forma espiritual, através de conexões divinas ou sagradas que um lugar proporciona, ele o está percebendo de acordo com o elemento fogo.

Assim, de acordo com a astrologia, a união dos quatro elementos, ou seja, das quatro percepções – sensação, sentimento, pensamento e intuição – proporcionariam uma experiência dita completa de espaços, lugares ou da relação com a Terra (Arroyo, 1975; Hamaker-Zondag, 1989), mesmo que esta experiência não esteja separada dos olhares subjetivos do homem.

O SER HUMANO E SUA RELAÇÃO COM A TERRA

Como os seres humanos são complexos, suas maneiras de experimentar o mundo giram em torno das diferentes percepções sobre as quais foram faladas anteriormente. Estas percepções são os meios essenciais pelos quais os indivíduos se relacionam com o mundo. Isso ajuda na criação da consciência de que “o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (Dardel, 2011: p. 33).

Dardel (2011) fala a todo o momento sobre a relação do homem com a Terra em seu livro *O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica*. Para ele essa relação é ou deveria ser profunda e respeitosa, uma relação onde o homem se vê na natureza e vê a natureza nele. Complementando a ideia desta interação, Konczewski (1951, p. 130) diz que “nossos dinamismos se refletem em nós mesmos... o mundo exterior implica, por assim dizer, nas fibras de nossa sensibilidade”. O mundo externo com o qual interagimos o tempo todo ganha vida dependendo da maneira como o homem o enxerga, o sente, o pensa, o imagina e o cria.

Povos que vivem em contato mais direto com a natureza – as florestas, os rios, o mar etc. – têm uma visão de cumplicidade e aproximação com a Terra que a população que vive nas grandes cidades geralmente não tem. Como diz Dardel (2011: p. 9) o “povo das florestas [...] suprimiram toda a distância entre o ser interior e a natureza porque o homem vive em comunhão com a vida universal que se manifesta no clima, na vegetação [...]”. Em contrapartida, em relação aos moradores das grandes cidades,

“[...] um número enorme de homens é, praticamente, “de desenraizados”, sem ligações duráveis com a terra ou com um horizonte natural, seres nos quais os observadores mais “objetivos” concordam em reconhecer o caráter irritadiço, volúvel, sujeito a psicoses ou a contágios afetivos” (Dardel, 2011: p. 29).

O homem urbano, se não realiza pausas em seu dia a dia, adocece, pois a energia da vida ainda circula com mais intensidade em lugares onde é possível realizar uma conexão com a terra, com a água, com o ar ou com o fogo (o Sol), assim sendo, esta conexão do homem com a Terra, “um sobrevoos de si, uma evasão para uma nova dimensão do ser” (Dardel, 2011, p. 45). Ainda de acordo com Dardel (2011) e Tuan (1983), essa subjetividade é depositada, pelo homem, na Terra, então toda percepção, por mais que ela seja interna, isto é, surja de sentimentos e pensamento internos do homem, ela depende de um exterior, é sempre em relação a algo que se encontra fora do homem, por isso ele consegue enxergar a si próprio como parte da Terra.

Quando o homem está aberto para as influências terrestres e, a partir disto, realiza conexões emocionais e mentais para criar ou recriar em cima do que a Terra oferece, ele realiza atividades e construções que o fazem ir além de si próprio (Cosgrove, 2003; Tuan, 1980). É o caso da construção do sistema de transportes e da expansão dos meios de comunicação, assim o homem se torna extensão e expressão da Terra – e vice e versa – materializando, em parte, a sua necessidade de libertação da limitação que o corpo impõe (Cosgrove, 2012b; Dardel, 2011).

A Terra é também o lugar onde o homem desenvolve sua consciência, e por mais que a consciência seja relacionada, na maioria das vezes, à mente, se fala também de uma consciência espiritual, emocional, corpórea e terrestre ou geográfica (Dardel, 2011; Tuan, 1983). Ligando assim esta consciência ao modo como o ser humano trata e lida com a Terra, havendo sempre uma interpretação onde a Terra é muito mais que um dado estático, mas cheia de movimentos que são percebidos pela sensibilidade humana (Berque *et al.*, 1999; Dardel, 2011).

Por isso a pausa, possível no “lugar” de Tuan (1983), é importante. A contemplação da natureza, seja ela dos elementos naturais ou humana, leva a uma conexão com o planeta Terra, com o cosmos e os elementos terrestres e astrológicos, sendo eles percebidos exteriormente e interiormente. Sobre a relação homem x Terra, Bedim complementa:

“A relação homem-natureza e seus significados acompanham a humanidade desde os seus primórdios. Ao longo da história ocidental, contudo, o homem, numa ilusão emancipatória, se aparta da natureza: negando a sua condição animal torna-se sujeito, o “ser pensante”, enquanto que o mundo envolvente, o seu objeto. O universo do natural, a partir daí, é reordenado à sua maneira. Tal viés gera uma estranha dicotomia, posto que o ser humano integra o próprio mundo natural e com ele coexiste: em última instância, o homem é a natureza que toma consciência de si” (Bedim, 2007: p. 78).

A partir desta consciência de si e da natureza, de que fala Bedim (2007), o homem passa a amá-la, conotação dada ao termo *topofilia*, sobre o qual Tuan (1974) fala, onde também as experiências vividas no lar ou lugar são transportadas para espaços, locais, segundo ele, mais selvagens, sendo possível ali também uma relação afetiva com a Terra, através de apreciações e, conseqüentemente, conexões. De acordo com Meinig (1971, p. 11) a apreciação ambiental “é uma arte, é holística, particularista, peripatética, qualitativa, sensual, finalmente idiossincrática e profundamente emocional”. A apreciação ambiental e a conexão com a Terra são essencialmente subjetivas.

A SUBJETIVIDADE COMO FATOR INTRÍNSECO À OBJETIVIDADE E SUAS INFLUÊNCIAS TERRESTRES E HUMANAS

O espaço estudado pela geografia econômica, política, física etc. é, em sua grande parte, objetivo. A geografia humanista, juntamente com a cultural, abre caminhos para o estudo da subjetividade no espaço, no lugar, na paisagem, sempre presente no ser humano (Buttimer, 1969; Wright, 1947). O homem é essencialmente subjetivo. Não há sensação de ordem e harmonia no mundo se a subjetividade não pode ser expressa, seja por meio de crenças, da fé, da linguagem, da arte (Jung, 2008).

Essa subjetividade, na geografia, é encontrada na paisagem e no espaço, para onde o homem projeta seu olhar, e conseqüentemente, seu modo de enxergar o mundo ao seu redor (Cosgrove & Jackson, 2003). Os espaços e lugares ganham significado porque é o homem quem lhes dá e, cada indivíduo ou grupo possui maneiras particulares de perceber e experienciar o meio ambiente e todas as suas influências, sendo estas culturais, naturais e cosmológicas. Sendo assim, de acordo com Dardel,

“Na fronteira entre mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes. A geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de irrealização, sobre a própria realidade” (Dardel, 2011: p. 5).

O lado “real” da geografia, ou seja, o visível é a objetividade que rodeia os indivíduos cotidianamente. Porém o mesmo não existe sem seu lado (ou interior) subjetivo, pois é ele quem oferece alma, ânimo, símbolo e sentido para o concreto. Então a objetividade se apoia na subjetividade até mesmo como motivação para a construção da realidade material (Dardel, 2011; Jung, 2008; Wagner & Mikesell, 2003). A subjetividade – e seu potencial para a construção de símbolos – faz parte de processos psicológicos e, assim, do comportamento dos indivíduos (Duncan, 2003).

Existe uma necessidade social, individual, psicológica e espiritual de criar significados, de acordo com sensações que percebemos, para espaços e lugares. Segundo Tuan (1983, p. 3), lugar para o homem é onde ele se sente confortável e aconchegado, onde ele tem a possibilidade de relaxar e de conviver com laços afetivos; espaço para o homem possui uma conotação de liberdade, assim como é dito quando o homem se sente sufocado ou limitado por alguma razão que ele “necessita de espaço”, assim “estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Relph (1970) falava dos diferentes tipos de espaços: espaço primitivo, espaço perceptivo, espaço vivido, espaço arquitetônico, espaço cognitivo e espaço abstrato. Segundo ele, lugar é onde o homem é capaz de criar uma relação das experiências que estes tipos de espaço proporcionam, realizando isso através da observação e apreensão de seus traços físicos, de suas funções e de seus significados.

O espaço pode estar presente materialmente assim como pode estar presente e sentido subjetivamente. O espaço mítico é um exemplo de percepções ligadas ao mundo subjetivo, tal espacialidade está intrínseca ao espaço material. O espaço mítico é o significado do símbolo, é a subjetividade na objetividade, a alma do mundo material, o que anima a concretude (Dardel, 2011; Tuan, 1983). O dia a dia das pessoas é vivido de acordo com esta dualidade complementar e isto

faz com que a interação holística entre homem e natureza seja percebida. Em relação a isso, Tuan fala que

“O espaço adquire formas subjetivas e objetivas. O espaço subjetivo pertence ao mundo mental: significa o coração das coisas, o aspecto “interno” da experiência, e é simbolizado pelo eixo vertical apontando para o zênite e mundo inferior. O espaço objetivo se irradia de cada eixo subjetivo e é essencialmente um plano horizontal orientado nas quatro dimensões cardeais. O tempo cíclico - os movimentos do sol e o ritmo pendular das estações - está localizado no espaço objetivo” (Tuan, 1983: p. 134-135).

Tudo o que o ser humano vê, toca, sente, fala está repleto de significado subjetivo, sendo ele sensorial, emocional, mental ou espiritual. Por isso, o que deve ser observado principalmente são os efeitos que a realidade geográfica causa no homem (Claval, 2012), de que modo ela penetra seus sentidos, toca seu coração, alcança seu entendimento e soa à sua alma; do mesmo modo, de que maneira o homem influencia seu meio e recria ou materializa seus significados. Sauer (1963, p. 345) diz que “muito do significado (geográfico) de uma paisagem envolve qualidades estéticas e subjetivas muito além da ciência [...] atingindo uma compreensão de nível mais elevado”. Tudo isto leva a uma visão e a uma percepção holística da geografia, onde as dimensões ecológica, simbólica e cultural são inseparáveis (Berque *et al.*, 1999).

Cosgrove (2003) lembra-nos que os significados que embutimos no espaço e nas paisagens estão presentes por meio do trabalho e da consciência. Cultura, que neste caso representa o conjunto dos significados presentes no cotidiano, aparece no trabalho do homem como “agricultura”, “silvicultura”, “viticultura”, e como “cultura de classes” ou “cultura primitiva” (Cosgrove, 2003: p. 104) no consciente coletivo.

Segundo Cosgrove (2012b), a linguagem também carrega este potencial simbólico e subjetivo, fazendo surgir a expressão do imaginário coletivo, no qual crenças e interpretações do universo são expressas, nascendo assim a intersubjetividade, onde os símbolos são compartilhados de acordo com diferentes níveis de consciência: cósmica, onírica ou poética. A simbologia cósmica, por exemplo – com a qual o presente trabalho procura interagir –, surge da imaginação humana em relação ao mundo físico, criando um significado para o objeto que o transcende e o transforma em símbolo de aproximação e/ou conexão com a Terra, sabendo que seu “significado varia entre uma cultura e outra, apesar de apresentar consistências marcantes” (Cosgrove, 2012b: p. 108).

Um exemplo de símbolos presentes há séculos no imaginário e no consciente e inconsciente coletivo até hoje, são os elementos básicos da natureza: terra, água, ar e fogo (Jung, 2008). Estes quatro elementos estão presentes no imaginário coletivo de maneira física e simbólica, os quais são representações ou símbolos de muitas mitologias que possuem aspectos em comum em diversas culturas do planeta (Arroyo, 1975; Jung, 2008; Rudhyar, 1989), de modo que tais significados passam a fazer parte da paisagem e também da comparação da Terra com o corpo humano (Dardel, 2011; Tuan, 1983).

Um exemplo da aproximação que o homem cria da Terra com seu próprio corpo é a linguagem que demonstra de maneira sempre presente a comparação entre espaço e corpo e corpo e espaço. Dardel (2011, p. 12) exemplifica quando o homem fala em “‘via do prazer’ ou ‘do sacrifício’, [...] sofremos o ‘distanciamento’ de certas pessoas; [...] a sentimos ‘próximas’ ou ‘distantes’”, expressões estas que utilizam o corpo humano como referência. Como complemento, Dardel (2011, p. 49) diz que o homem possui as substâncias terrestres em seu interior e, por isso, a constante troca entre homem e Terra se faz mais intensa, já que “a montanha, o vale, a floresta [...] são o próprio homem”,

ele se reconhece nestes espaços.

Várias populações ao redor do mundo comparam a Terra com o corpo humano. Tuan (1983) cita algumas delas quando fala sobre os Dogon da África, as tribos indígenas da América do Norte, a Europa Medieval e a China. Estes comparam a Terra ao corpo assemelhando montanhas com o corpo humano, rochas com os ossos, água com o sangue, árvores com cabelos, nuvens com a respiração etc. Porém, esta comparação do corpo humano com a Terra foi sendo perdida em grande parte do mundo ocidental.

Berque *et al.* (1999, p. 85) fala da limitação que a sociedade ocidental dualista incorporou entre a subjetividade humana e a realidade externa objetiva, o que faz com que seja impossível explicar qualquer realidade espacial, já que a mesma também é construída a partir da subjetividade do homem, ou seja, “os ambientes humanos são [...] uma extensão de nosso próprio corpo, tanto pelo símbolo quanto pela técnica”, criando assim tanto uma influência do homem no ambiente externo quanto uma influência do ambiente externo no homem.

A espacialidade geográfica não existe somente por causa da interferência do homem nela, mas também o homem existe por causa desta espacialidade e ao mesmo tempo é influenciado por ela, através, primeiramente, dos elementos terrestres terra, água, ar e fogo. Ele não é somente influenciado de maneira direta, mas também de maneira subjetiva, pelas sensações que os espaços e lugares proporcionam. Dardel (2011, p. 9) dá exemplos de influências sobre o homem vindas da floresta, da planície, do oceano etc. Ele diz que “a floresta ‘esmaga’ o homem, que [...] o ‘asfixia’, que a landa o inclina à melancolia”, citando também a inevitável qualidade passiva do homem em relação ao ambiente externo.

De mesmo modo, o homem percebe essa influência e a transforma e materializa (Claval, 2012) – como acontece com a cultura –, como é o caso do exemplo que

Dardel (2011, p. 39) cita sobre a ressonância da realidade geográfica no homem: “Foi dado a Beethoven, a Weber, a Debussy o dom de perceber e de transmitir a harmonia musical pelo espaço campestre, silvestre ou marinho”. Duncan (2003, p. 69) cita o exemplo das construções materiais quando diz que a “evolução da cultura é baseada nos fluxos de energia que são capturados e postos em ação pela sociedade através da tecnologia”. A partir dessa concepção, os quatro elementos podem ser entendidos como fluxos de energia, os quais influenciam o ser humano e, a partir deles o homem recria os próprios significados para os elementos e constrói a partir deles. Sugere-se uma comparação como exemplos disso: a arquitetura relacionada às características astrológicas do elemento terra de materialização e concretude; a necessidade de troca e ligação com pessoas e lugares relacionadas às características astrológicas do elemento água de coesão e integração; as comunicações e suas transmissões relacionadas às características astrológicas do elemento ar de rapidez e flexibilidade; e a criação de lugares sagrados relacionados à necessidade de religação com o divino (característica do elemento fogo na astrologia).

A interface entre as visões geográfica e astrológica dos quatro elementos é possível quando se analisa as descrições das características destes elementos e as descrições dos tipos de espaço que Dardel (2011) apresenta.

OS QUATRO ELEMENTOS ASTROLÓGICOS E OS ESPAÇOS DE DARDEL

Serão apresentados a seguir cada um dos quatro elementos astrológicos e terrestres segundo a visão astrológica e a visão de Dardel sobre os espaços elementares.

Elemento terra e o espaço material

O elemento terra representa matéria, resistência, estabilidade, serenidade e o universo das formas e estruturas que, de uma maneira direta, passam primeiramente pelas sensações físicas e que são encaradas como real (Arroyo, 1975; Hamaker-Zondag, 1989). Dardel (2011) apresenta exemplos dos significados que o ser humano dá ao espaço material, relacionados à essência do elemento terra, ele diz que:

“é a Terra que [...] estabiliza a existência. No ritmo da vida, ela traz o elemento de repouso e de abrandamento que modera sua inquietude e sua tensão. Uma calma e um equilíbrio emanam das grandes planícies, das montanhas [...], do trabalho na terra, da vegetação” (Dardel, 2011: p. 43).

O autor também fala sobre o fato de o ser humano perceber a matéria e expressar essa percepção por meio de falas do tipo: “a floresta é espessa”, “tal região é quente”, ele dá significado a essas percepções, antes mesmo de aprendê-las mentalmente.

Elemento fogo e o espaço telúrico

“O elemento fogo se refere a uma energia universal irradiante, [...] excitável e entusiástica e que, através da sua luz, dá colorido ao mundo” (Arroyo, 1975, p. 107).

Segundo Arroyo (1975) e Hamaker-Zondag (1989), fogo é um elemento dinâmico que representa descoberta, possibilidades, intuição e espiritualidade.

Dardel (2011) descreve semelhanças do espaço telúrico com o elemento fogo. Para o autor, o espaço telúrico está repleto de significado, dinamismo e

mistério, coisas que o elemento fogo representa. O espaço telúrico, apesar de estar ligado à percepção terrestre, também representa os significados que o ser humano deposita nele, então se fala sobre este espaço como um “mistério da natureza” (Dardel, 2011: p. 16). Dardel ainda sugere que

“[o] poder telúrico da pedra viva e da vida petrificada, não está [limitado] à superfície visível das coisas. A superfície é somente a zona de aparição das forças ocultas; a subida à superfície do sagrado revela uma presença difusa, sempre pronta a se mostrar sem se libertar. [...] desse mundo em que o visível é apenas o dom revogável de um poder invisível” (Dardel, 2011: p. 52-53).

Sobre essa ligação do espaço telúrico com o elemento fogo, Arroyo (1975, p. 106) fala que “o corpo ‘vital’ está estreitamente relacionado com o corpo físico”. A essência do corpo físico é espiritual, é animada, assim como o homem simboliza a Terra com esta conotação (Dardel, 2011; Tuan, 1983). Assim, a relação do espaço telúrico de Dardel com o elemento fogo está presente nas qualidades relativas aos aspectos invisível, oculto e sagrado do elemento fogo (bem como de espaço telúrico), pois o fogo, na astrologia, é interpretado como o símbolo do aspecto espiritual do ser humano, algo que não é visível, porém presente na matéria como algo que a anima, segundo as concepções de Dardel.

Elemento água e o espaço aquático

O elemento água representa o mundo das emoções e das reações sentimentais, da tranquilidade e também da inquietude, representa as relações afetivas com pessoas, objetos e lugares (Arroyo, 1975; Hamaker-Zondag, 1989).

Dardel (2011) fala sobre o espaço aquático assemelhando-o com os

sentimentos e com o movimento e a fluidez da vida. Assim como existem as águas que estão em constante movimento, existem as águas paradas. Assim como as águas movimentadas representam a fluidez, a saúde, a vida, as águas paradas representam estagnação, doença, morte. Ambas em sentido físico e emocional. A água ainda possui mais movimento que a terra e segundo Michelet (1934), a água fala com a terra, “o espaço oceânico é como uma voz que surge das profundezas e vem vibrar na superfície” (Dardel, 2011: p. 22), utilizando o corpo humano como referência para estas metáforas terrestres, é como o sentimento que “fala” ao corpo, como um sentimento profundo que em qualquer momento vem à tona.

A água, ainda segundo Dardel (2011: p. 21) é

“um repouso logrado de uma inquietude. [...] a água mais calma responde ao sopro que a faz ondular. [...] é revelação da profundidade”.

Isto comparado ao elemento astrológico corresponde às características de inquietude e profundidade, ao mesmo passo que “o sopro que a faz ondular” vem das percepções passivas que o ambiente externo proporciona ao homem e se transformam em sentimento.

Elemento ar e o espaço aéreo

O elemento ar representa o mundo das ideias, dos pensamentos abstratos, da relação entre fatos e da comunicação. (Arroyo, 1975; Hamaker-Zondag, 1989).

Segundo Dardel,

“O espaço geográfico é atmosfera: elementos sutil e difuso em que se banham todos os aspectos da Terra. Invisível, e sempre presente. Permanente e, no entanto, cambiante. [...] Ele dá [...] ao homem o

sentido de suas tarefas. Somos já inteligência desde que amanhece o dia, a nossa atenção é o apelo que ele nos lança para realizar nosso vir a ser” (Dardel, 2011: p. 23-24).

O ar está presente na atmosfera assim como está presente no ser humano. Ele dá a inteligência mental e interpreta o sentido das ações do homem. O ar, apesar de sua constância, está sempre em movimento e possui flexibilidade para se fazer presente em qualquer lugar. Dardel (2011, p. 38) ainda diz que

“o azul do céu age sobre nós [...] como força aérea que [...] convida ao sonho e à especulação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo proposto do presente artigo – resgatar um olhar simbólico para as relações do homem com o espaço, onde valores e significados são criados através das experiências ocorridas no espaço, relacionando estas experiências com as quatro formas básicas de perceber: sensorial, sentimental, mental e espiritual, nas quais a Astrologia se baseia para criar os símbolos dos quatro elementos: Terra, Água, Ar e Fogo respectivamente – é possível pensar em uma possibilidade de semelhança entre os significados astrológicos dos elementos terra, água, ar e fogo e os espaços material, aquático, aéreo e telúrico de Dardel.

Os elementos físicos ou terrestres e seu significado astrológico, de uma maneira geral, estão ligados às maneiras de o homem perceber o mundo através do uso de tais significados no comportamento e nas atividades do cotidiano. Por exemplo: Quando estamos nos sentindo “sem chão”, estamos “aéreos” ou agitados, colocar os pés na terra significa um ato que acalma, que estabiliza, lembra que os indivíduos estão “enraizados a terra”; Quando sofremos um forte impacto emocional recomenda-se beber um copo d’água para equilibrar as

emoções ou, como cita Dardel (2011), mergulhar nas águas para que ela renove a energia vital do ser; Quando estamos de “cabeça cheia”, estressados, saímos para “tomar um ar”, “esfriar a cabeça”, “espairecer” (radical da palavra: ar). Tuan (2012) fala do hábito de caminhar (um exercício aeróbico) para pensar – para os gregos e romanos este ato estava ligado à elevação mental – ou para clarear a mente; Quando sentimos necessidade de nos conectarmos espiritualmente, existe o hábito, em muitas culturas, de acender uma vela (elemento fogo). Ou seja, a vida cotidiana e o espaço estão impregnados desses significados elementais.

A presença dos quatro elementos – terrestres e astrológicos – no espaço natural e cultural é imprescindível para a manutenção da vida e para a assimilação das percepções e experiências humanas. É a partir deles que o homem passa a conhecer, a sentir e a pensar seu espaço de trabalho, de convívio, de lazer, de integração e de aprendizado. Yi-Fu Tuan e Eric Dardel colaboram para esse estudo geográfico dos elementos astrológicos com suas interpretações sobre percepção e experiência em suas palavras sobre espaço, lugar e a relação do homem com a Terra.

Nessa perspectiva, pode ser possível a identificação de conhecimentos de conotação geográfica no pensamento metafísico astrológico e da relação do homem com a simbologia, criando-se uma interface entre o mundo geográfico concreto e de significados e o mundo simbólico da astrologia.

O ser humano, para seu próprio entendimento como ser, necessita da troca, pois ele precisa do alimento e das energias externas para sobreviver, assim como necessita expressar-se ao meio para viver. A relação é algo inevitável para o ser humano, seja ela com pessoas, animais, objetos, lugares etc., levando-o à diversas percepções e experiências que ele realiza para conhecer a Terra e, a partir disto, conhecer a si mesmo. O homem e sua cultura estão arraigados à Terra. Cultura e natureza não são coisas distintas, mas complementares, assim

como a simbologia humana é complementar à concretude terrestre.

Finalizando, ao enveredar pelos caminhos das interfaces entre geografia humanista e a visão astrológica dos quatro elementos terrestres, busca-se a coerência com a subjetividade humana. Entretanto, esta subjetividade está aberta para críticas que possam advir de outras subjetividades e de outros olhares e, sobretudo, proveitosos diálogos no campo da geografia humanista e das ciências humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, S. (1975) **Astrologia, psicologia e os quatro elementos**. São Paulo: Pensamento, 296 p.
- BEDIM, B. P. (2007) O espaço capitalista da natureza e seu (contra)uso turístico: A dialética da visitação pública em áreas protegidas – um ensaio teórico. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 7, n. 17, p. 75-89.
- BERQUE, A.; CONAN, M.; DONADIEU, P.; LASSUS, B.; ROGER, A. (1999) **Mouvance: Cinquante mots pour le paysage**. Paris: Editions de la Villette, 99 p.
- BUTTNER, A. (1969) Social space in interdisciplinary perspective. **Geographical Review**, v. 59, n. 3, p. 417-426.
- _____. (1974) **Values in geography**. Washington: AAG.
- _____. (1990) Geography, humanism and global concern. **Annals of the Association of the American Geographers**, v. 80, n. 1, p. 1-33.
- CLAVAL, P. (2012) A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Geografia cultural: Uma antologia (vol. 1)**. EdUERJ, Rio de Janeiro: p. 245-276.
- COSGROVE, D. E. (2003) Em direção a uma geografia cultural radical: Problemas da teoria. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Introdução à geografia**

- cultural**. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro: p. 103-134.
- _____. (2012a) A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Geografia cultural: Uma antologia (vol. 1)**. EdUERJ, Rio de Janeiro: p. 219-237.
- _____. (2012b) Mundos de significados: Geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Geografia cultural: Uma antologia (vol. 1)**. EdUERJ, Rio de Janeiro: p. 105-118.
- COSGROVE, D. E.; JACKSON, P. (2003) Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Introdução à geografia cultural**. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro: p. 135-146.
- DARDEL, E. (2011) **O homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 176 p.
- DUNCAN, J. S. (2003) O supra-orgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Introdução à geografia cultural**. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro: p. 63-102.
- HAMAKER-ZONDAG, K. (1989) **Os quatro elementos e os caminhos da energia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 155p.
- HOLZER, W. (2012) A geografia humanista: Uma revisão. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Geografia cultural: Uma antologia (vol. 1)**. EdUERJ, Rio de Janeiro: p. 165-178.
- JUNG, C. G. (2008) **O homem e seus símbolos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 448 p.
- KONCZEWSKI, C. (1951) **La Sympathie comme fonction de progrès et de connaissance**. Paris: PUF, 227 p.
- LOWENTHAL, D. (1961) Geography, experience and imagination: Towards a geographical epistemology. **Annals of the Association of the American**

- Geographers**, v. 51, n. 3, p. 241-260.
- MARTINS, R. A. (1995) A influência de Aristóteles na obra astrológica de Ptolomeu (*O Tetrabiblos*). **Trans/Form/Ação**, v. 18, p. 51-78.
- MEINIG, D. W. (1971) Environmental appreciation: Localities as a humane art. **Western Humanities Review**, v. 25, n. 1, p. 1-11.
- MICHELET, J. (1934) *Tableau de la France*. Paris: Les Belles Lettres.
- RELPH, E. (1970) An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **Canadian Geographers**, v. 14, n. 3, p. 193-201.
- RUDHYAR, D. (1989) **Astrologia da personalidade: Uma reformulação de conceitos e ideais astrológicos em termos de psicologia e filosofia contemporâneas**. São Paulo: Pensamento, 397 p.
- SAUER, C. O. (1963) Morphology of landscape. In: LEIGHLY, J. (org.) **Land and Life**. University of California Press, Berkeley: p. 315-350.
- TUAN, Y. (1974) **Space and place: Humanistic perspective**. Progress in Geography, v. 6, p. 211-252.
- _____. (1980) **Topofilia**. São Paulo: Difel, 288 p.
- _____. (1983) **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 248 p.
- _____. (2012) **Dear colleague letters**: 24 May, 2012. Yi-Fu Tuan. Disponível em: <<http://www.yifutuan.org/archive/2012/2012onwalking.htm>>. Acesso em: 30 de maio, 2015.
- WAGNER, P. L. & MIKESELL, M. W. (2003) Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Introdução à geografia cultural**. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro: p. 27-61.
- WRIGHT, J. K. (1947) *Terrae incognitae: The place of the imagination in geography*. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 37, n. 1, p. 1-15.